

Depoimento Suzi Weis 09042014 Rev. A

Presentes: Profa. Papali, Profa. Maria Angélica, Sra. Suzi Weiss, Sra. Vera Furtado, Fred Papali.

Local: Laboratório História- IP&D – Univap

A Profa. Papali explica que o roteiro de questões impresso é só uma referencia e diz que a depoente pode ficar a vontade para falar *“muito mais do que está aí”*. E explica: *“não é como se fosse pergunta e resposta”* explica que existe um procedimento; que o depoimento não é editado, que o depoimento é gravado, depois é transcrito na integra, sem edição nenhuma, a transcrição é fiel. E continua: *“essa transcrição é enviada a vocês para que leiam e através de um formulário, se você concordar com o que foi descrito você assina. E você fica a vontade para alterar até chegar num acordo, para acrescentar ou tirar. O depoente é que manda”*. A Profa. M. Angélica frisa que gostaria é que as depoentes fizessem parte do grupo, que ambas são jovens e ativas e que o objetivo é que seja feito o percurso da Escolinha. Que falem sobre o histórico, da questão metodológica e que deseja que se chegue até o requinte de se fazer análise dessas soluções, avaliar o ontem e o hoje. Que nesse momento o que é necessário é o resgate histórico, e depois, se aceitarem fazer parte do grupo, que possamos fazer um documentário e chegar num livro, contando os detalhes.

Nesse momento a Profa. Papali anuncia que o Sr. Eduardo, que foi aluno de História vai fazer uma foto do grupo e convida a todos para que o façam junto do material da Escolinha que está ao lado, ao que todos concordam e se dirigem ao local.



No local, vendo os trabalhos, Vera mostra que um deles é do Grupo Escolar, ao que Suzi concorda dizendo que é um dos primeiros. Sobre um dos trabalhos Suzi diz que o autor do desenho, Gustavo, é

filho do Sr. Pedro Yves, que foi prefeito de SJCampos. Suzi mostra que quando o material foi dado à Profa. M. Angélica, já mostrava sinais de deterioração. E relata que guardava recortes de jornais e revistas de arte educação que a Sra. Ivonne recebia do mundo todo. E relata sobre um bonde que Dona Ivonne ganhou, que esteve por algum tempo em frente ao grupo escolar, foi inclusive assunto de uma poesia. Continuando relata que tem muita dificuldade em cronologia e data, e que esse ano, quando começou a assistir a Comissão da Verdade e pensou onde estava em 1975. Que pegou um caderno e começou a anotar memórias sobre pessoas que conheceu; e se lembrou do Sr. Sobral que foi prefeito de SJC e que na época era soldado no CTA. E se recordou que ele trocou esse bonde por alguma coisa e que alguém deve ter esse bonde em algum lugar. Examinando o material, ressalta que os da primeira mostra são muito importantes, material da mostra da 1ª semana Cassiano Ricardo e que ficou com a Prefeitura e a Escolinha participou. E reconhece algum material da 2ª mostra.

Vera relata que quando chegou em 1973, assumiu a Escola. Que a Sra. Ivonne fez uma biblioteca dentro do bonde, que era lindo. E Suzi entrega dois álbuns de fotos para digitalização e arquivo. E comenta sobre algumas fotos, dizendo que a Escolinha tem muito poucas fotografias. Reconhece algumas fotos que são de dentro do Grupo e dentro do barracão novo. Reconhece uma das fotos que foi dentro do Pequenópolis em 1980.

Obs.: essas fotografias serão digitalizadas e passadas à Suzi e Vera para anotações.

A Profa. M. Angélica sugere que se tome o depoimento de Suzi e que se marque outro dia para o depoimento da Sra. Vera.

Suzi relata que sobre o assunto existe um envolvimento emocional e afetivo das duas envolvidas.

A Profa. M. Angélica afirma que o prefácio do livro a ser escrito deve falar da história da Sra. Ivonne, que lhe confidenciou, dentre outras coisas, em sala de aula, que queria ser atriz de teatro, o que não foi permitido pela mãe. Que a considera como uma figura diferente para a sua época, que por isso o livro deve começar com a história de Ivonne Weis, como mulher, professora.

Suzi relata que a Escolinha começou em setembro de 1964, que se lembra; que é uma coisa muito forte, por causa do cheiro do cinamomo e que toda vez, e durante toda a vida, quando passava perto de um cinamomo, sentindo o cheiro, sua mãe falava *“lembra desse cheiro?”*, e para ela foi uma coisa muito forte. Que em 1964 tinha seis anos. E como um criança dessa idade se lembra dessas coisas; e afirma: *“eu lembro da música, no dia em que o Augusto Rodrigues veio para São José, em baixo do cinamomo, brincando de roda”. “Eu lembro dessa música que era ...”, e cantarola: “oh preto, preto, lá de Lisboa, jogar as cartas...”*, *“eu queria outras pessoas da minha geração, ou que participaram disso, se elas iriam lembrar disso, mas não sei...”*. *“Na verdade foi um barracão, de... eles estavam fazendo as obras do CTA. O CTA estava sendo construído, e era um barracão para os operários, um alojamento de operários, em baixo desse cinamomo que virou a Escolinha. Era uma sala grande, umas janelas baixas, azuis, que você abre assim, essas..., a Escolinha começou lá. Muito do material, quase todo o material da Escolinha foi angariado, juntado,... e os cavaletes eram cavaletes de obra que foram reformados, restaurados ..., depois eles conseguiram outras coisas, mas começou num galpão de obra. Na verdade na frente do H22 do CTA, que é um bloco residencial, o H17B e o H17C que eram na frente do bosque, que era o H onde morava o reitor e o brigadeiro. Depois, atrás do 17 tinha o H22. Na frente do 22, a gente morava no 22, depois a gente mudou para o 17 e quando a gente estava no 17 é que abriu na frente do 22 a Escolinha. Depois derrubaram esse galpão, porque esse galpão foi, ... eles iam construir o H23, era um descampado e só tinha essa casa aí. O que que eu me lembro, ... de quando criança frequentar? No final de semana a gente juntava a molecada, abria a janela e ir lá fazer, pintar e usar aquele espaço para fazer..., eu*

*lembro disso. Desse espaço da Escolinha de arte. Depois ela muda para o Grupo Escolar, dentro do..., na época se chamava Grupo Escolar do CTA. Dentro do Grupo Escolar, ... outro dia encontrei o Engenheiro Mourão, que foi um dos que construiu o CTA, eu lembro da minha mãe conversando com ele e pedindo pra mudar a altura da lousa. Que a lousa padrão tinha uma certa altura e a ela queria uma lousa até o chão porque ela queria que as crianças desenhasssem na lousa. No fim, todas as salas do Grupo Escolar fizeram uma lousa assim, que na época foi um..., como que a criança ia escrever na lousa..., as pessoas não entendiam muito, como que as crianças iam escrever na lousa se elas estavam indo pra escola e quem ia escrever na lousa era o professor.*

*Uma comunidade, o CTA era uma coisa assim muito família, todo mundo junto e pra..., ninguém fez reunião oficial pra montar a Escolinha de Arte; minha mãe sentou com a vizinha, a Otília Antipoff era vizinha dela, a dona Marita Octani era esposa de um outro professor, eu me lembro que ela era tesoureira, dona Alba esposa do médico, Dr. Ivan, era secretária, alguma coisa assim. Então eles se juntaram e resolveram fazer..., e a Otília Antipoff dando material, a minha mãe lendo sempre, e montaram uma escolinha para..., a ideia era um espaço para as crianças se divertirem, brincarem para fazer arte. Ninguém ensinava arte, não tinha aula de desenho, davam aula com todos os tipos de material possível, pra você experimentar sempre, essa era a ideia da... a Sra. Vera diz: "muita sucata", Suzi complementa, "muita sucata..., a sucata era diferente da sucata utilizada hoje, casca de árvore..., o quê que a gente tem ao redor da gente, casca de árvore, pedra, existia uma marcenaria no CTA então a gente vai na marcenaria, pega toco de ..., vai trabalhar com toco de madeira, aí alguém foi e deu aula de flauta e vinha outra e dava aula de música, e a Escolinha começou assim.*

*Na época era o brigadeiro Montenegro, que fundou o CTA, com o tempo depois foi embora. Uma escolinha de arte sem fins lucrativos, dentro do CTA, era uma coisa que as pessoas não entenderam direito o que era aquilo lá. Porque... as professoras ganhavam super mal, não ganhavam, todo mundo trabalhava por amor a arte sempre, minha mãe nunca ganhou um tostão daquela escola, ao contrário ela sempre investiu dinheiro na escola, principalmente, mais do que dinheiro, ela investiu conhecimento, de compartilhar, de comprar livro, de dar curso, ... e ela fez bastante. E sempre foi uma guerra muito grande. Cada vez que mudava a política, mudava o brigadeiro, precisava ir lá contar a história para o brigadeiro, prá que não fechasse. Então, e todas as vezes, a partir dos meus dez, onze, doze anos, eu me lembro que na primeira série do grupo escolar, já brincava de dar aula para o... era uma coisa meio assim. Minha mãe ia conversar com o brigadeiro e eu ia junto. Tem um monte de coisa que eu fui, junto, como filha, como frequentando a Escolinha de arte, e eu sempre gostei de arrumar coisas, eu sempre fui muito mandona, eu sempre fui muito metida no sentido de dar palpite, assim... a Escolinha está lá, então vamos lá arrumar a Escolinha, então ia lá arrumava a Escolinha, vamos guardar as coisas, eu sempre gostei das coisas bem organizadas. A parte de burocracia, minha mãe nunca gostou, não fazia parte dela. Ela nunca gostou, agora colocar as coisas em ordem eu sempre gostei, fazer ficha de aluno, dar baixa de pagamento de aluno, ... eu brincava fazendo isso, porque era com fichinha de papel que o aluno fazia. A Escolinha começou trabalhando em dias alternados, que a ideia era atender todas as faixas etárias, e a ideia era atender as faixas etárias misturadas. A gente sempre pensou que isso era muito saudável, uma criança de quatro, uma criança de oito, uma criança de dez ou de doze, a de doze ensinando a de quatro e, essa mistura sempre existiu. Nunca teve uniforme, as crianças nunca traziam material, a escola fornecia todo o material sempre. Então preparar guache, comprar material, ir na loja Guanabara, comprar tinta, (Vera diz: eles davam um senhor desconto pra gente). Eu amava comprar tinta, amava preparar tinta, tenho o cheiro de guache no nariz até hoje, é uma coisa assim absurda, e ... e a Escolinha começou assim.*

*Daí ela viveu em quatro lugares, dentro do..., primeiro no barracão, depois dentro do Grupo Escolar, ... em 80, a Vera já vai fazer parte da história, ... em 79, 80, a ... existe uma nova possibilidade de se fechar a Escolinha, ... a Vera Furtado vai com a minha mãe negociar com o brigadeiro e o brigadeiro promete que não vai fechar..., não sei quem era o brigadeiro na época, o brigadeiro promete que não vai fechar e que vai construir um novo prédio junto do Pequenópolis que era o jardim de infância do CTA. Nessa época..., Vera diz: “ posso corrigir? Ele diz que essa escola seria construída prá nós, só prá escola de arte. E aí,... a politicagem lá nos tomou e não deu um ensaio(?). Suzi continua: “e aí, a Escolinha viveu dentro de uma sala de aula, nos anos 80, 81, não sei exatamente quanto tempo, dentro do Pequenópolis, que era o jardim de infância tradicional do CTA. Depois, minha mãe conseguiu transferir para um barracão onde se realizava a festa junina do CTA, que foi 80,81 até por volta de 87. Então ela viveu 20 e poucos anos em quatro espaços fixos.*

*Logo no início da Escolinha de arte, o CTA cedeu uma funcionária, na verdade dois funcionários, um que era o João Porter, que fazia a limpeza da sala de aula e preparava a argila. Então ele, todo final de tarde ele ia e preparava a argila e deixava as bolinhas de argila, do tamanho de uma bola de tênis, coberta com um pano de chão, quem preparava era o “seu” Zé. Eu me lembro que ele trabalhava também no H8 e ele ia lá fazer isso. Vera diz: ia pegar argila na Cerâmica Weiss, Suzi: ou na Bonadio, não lembro. E tinha uma professora que, num primeiro momento ela trabalhou no CTA como professora, era a Vera Cursino, e o CTA cedeu como funcionária. E aí ela trabalhou com a minha mãe durante muito tempo. Então tinha aula assim segunda, quarta e sexta, pra crianças de dois a oito anos, não sei exatamente a faixa etária, mas era assim, terça e quinta pras crianças, pros adolescentes, sábados a tarde pros alunos do ITA, e a noite pras mães, e tinha no começo, teve bem definida, essa separação não funcionava todos os dias de manhã, ou de tarde, foi muito claro.*

*A medida que o tempo foi passando, em função da pressão, a Escolinha começou a funcionar todos os dias, todas as manhãs, e depois todas as tardes. Quando a gente já estava no último prédio, a gente funcionava todas as manhãs, todas as tardes. Apesar de ter essa ..., o pai podia optar, se a criança ia todos os dias, se ela ia duas vezes por semana, se ela ia três vezes por semana. Vera: aliás não foi nem dada essa opção; eu disse, vai ser segunda, quarta e sexta pra uma turma e terça e quinta pra outra. Qual não foi minha surpresa, os pais disseram, eu quero, vou matricular segunda, quarta e sexta e terça e quinta. Aí eu não podia fazer nada! Suzi: daí nos últimos anos, 86 e 87, a gente já tinha até colônia de férias; porque os pais tiravam férias e aí tinha aluno que ficava lá as férias inteirinhas, e aí vinham os primos, os amigos e todo mundo porque o CTA, fora o espaço da Escolinha a gente tinha que desfrutar tudo o que tinha dentro do CTA, pra visitar o bosque, na lagoa, e era assim.*

*Eu trabalhei na Escolinha quando eu tinha quinze anos, eu falei pra Vera ontem, quando eu tinha quinze anos já era professora da Escolinha, daí eu recebia oficialmente da Escolinha, era auxiliar lá da Escolinha. Me afastei da Escolinha..., depois eu acabei fazendo magistério, especialização, pedagogia..., parei de trabalhar com crianças e fui trabalhar com adolescentes, e depois virei diretora da escola e depois me aposentei. Mas meu vínculo com a Escolinha sempre foi constante porque minhas filhas frequentaram a Escolinha. Então eu ia lá na Escolinha todos os dias. E na medida em que minha mãe acabou indo trabalhar, porque nessa época ela não trabalhava fora, no começo da Escolinha ela não trabalhava fora, quando ela começou a trabalhar a gente tomava conta da Escolinha e ela ia uma, duas vezes, ia fazer reunião, ia visitar, ia... qualquer coisa, ela não ia lá todo dia. Então meu vínculo com a Escolinha foi muito grande, e mesmo quando eu me afastei, fui trabalhar, ela fazia coordenação, eu fazia burocracia. Eu que comprava material de limpeza; eu que fazia a contabilidade; não era complicada, porque a gente trabalhava com cinco, dez, quinze ou vinte e cinco alunos. Se agente tivesse dez alunos, a gente comprava material, o que sobrava do material era dividido pros professores, e pra moça, porque*

*nesse último prédio tinha uma moça que ajudava, porque tinha cozinha, tinha banheiro; nos outros o banheiro era separado. Vera: e era da própria escola. Suzi: então, a Escolinha funcionou assim, ela sobreviveu assim durante vinte e poucos anos.*

*Pra gente que viveu lá; todo mundo tem um laço afetivo muito grande; falei pra Vera, a quantidade de carta, de mãe que mandava. Teve aluno que eu troquei a fralda na Escolinha de arte; que no começo a gente nem aceitava, mas depois a mãe..., troquei a fralda e depois a gente deu aula e foi trabalhar com ele lá no colegial, no Ensino médio.*

*Suzi se dirigindo à Profa. M. Angélica: você teve acesso ao trabalho que seu aluno fez...,*

*Profa. M. Angélica: é, ele foi aluno da gente.*

*Suzi: você viu, já viu? É que ele foi lá, olhou o material, viu, escreveu e nunca mais falou com a gente.*

*Profa. M. Angélica: foi trabalho de TCC.*

*Suzi: Eu falei pra ele, quando você o tiver pronto, que foi uma fase que eu estava acompanhando meu pai, falei, quando tiver pronto você traz pra gente ver ...,*

*Profa. M. Angélica: ele tentou duas vezes contato, não conseguiu..., vou gravar um CD pra você.*

*Suzi: aí eu achei na internet, um dia lá que eu estava procurando, o material dele. Precisava olhar depois, com calma, os nomes; porque tem muita gente envolvida na Escolinha, muito antes...; assim a Vera Cursino, a Vera Furtado, mas muita gente trabalhou na Escolinha antes da Vera Cursino, e antes da Suzi..., então apareceu o meu nome, o da Vera, então tem muita, muita gente.*

*Vera: A Roselí que foi uma pessoa importante ..., que acompanhou nos três espaços ...,era nossa assistente ...,*

*Profa. M. Angélica: agora isso é o que vamos ter de fazer depois, é um trabalho grande, destrinchar essa história ...,*

*Suzi: quem começou mesmo foi a Otília Antipoff; a Otília que morava no CTA, era esposa de um professor, vizinha da minha mãe, e a Otília e a minha mãe que começaram essa brincadeira. A Vera Cursino, que foi uma funcionária cedida, que aí ela veio para a Escolinha ...,*

*Vera: ela trabalhava em outro lugar, não era?*

*Suzi: é, ela trabalhava numa escola tradicional ...,*

*Vera: aí foi cedida. Coisa que quando ela saiu e eu fiquei, nunca, nunca constou ..., eu dei acho que quinze anos, quatorze anos pra Escolinha de arte, e nunca constou que eu trabalhei no CTA, entendeu, pra minha aposentadoria.*

*Suzi: porque ninguém era registrado, não tinha registro.*

*Vera: só essa Vera, que era de fora, cedida, num horário pra Escolinha.*

*Suzi: ficou lá um pouco, depois ela saiu, foi embora.*

*Toda a correspondência da Escolinha era correspondência do Ministério da Aeronáutica; que o brigadeiro ou reitor tinham dado papel timbrado, tudo era. Esse que apareceu depois ..., a Gráfica fazia*

*recibo, tudo que a gente precisava do CTA, papel ..., ela dava pra gente no começo, ela dava pra Escolinha no começo. A gente não estava lá, só estava brincando. Mas eu lembro da minha mãe ..., Toda vez que mudava o reitor, eu lembro do Prof. Lacaz, a quantidade de vezes ..., a noite ...,*

*Vera: não teve um Menezes também?*

*Suzi: esse foi o brigadeiro. Que minha mãe ia lá, contava toda a história, qual era a finalidade ..., porque eles chegavam, um militar numa base que não era uma base militar, e perguntavam o que está fazendo aqui dentro uma escolinha de arte? O fechamento da Escolinha, foi uma coisa assim; meu pai, aos setenta anos tem a tal da aposentadoria compulsória. Meu pai saiu do CTA a Escolinha estava a pleno vapor, em 85, 86; acho que meu pai saiu em 87, e no ano em que meu pai estava com as malas prontas para até o final do ano sair do CTA, me ligaram, eu não consigo me lembrar quem me ligou, eu trabalhava, que literalmente estavam fechando a Escolinha. Então, numas férias, eles pegaram todo o material da Escolinha e colocaram pra fora da Escolinha. Prá fora.Tudo. Se eu te mostrar umas fotografias da Escolinha você vai querer chorar. Aí colocaram tudo ..., Durante, quinze anos mais ou menos, quinze anos, a gente tinha todos os desenhos de todas as crianças, guardados. Em pastas.*

*Vera: eles saíam da escola, mas tinham as pastas deles ...,*

*Suzi: durante quinze anos a gente guardou de todas as crianças. E quando a gente saiu, foi despejada do Grupo Escolar pro Pequenópolis, a mudança fatídica, teve que jogar um monte de coisa fora. Minha mãe ainda selecionou, tentando guardar algumas coisas. Depois, o que restou e o que a gente guardou, eles jogaram fora. E depois nas nossas conversas, tentando resgatar; a Vera estava em Recife; eu consegui uma Kombi velha, pra que não se queimasse as mesas, as cadeiras, o secador, que era uma coisa super especial. As escolas geralmente penduravam os desenhos; e a gente tinha feito na marcenaria um secador super especial, que aparece aí. Eu acabei doando, mas aí se fechou. Minha mãe não tinha mais energia pra brigar, nem prá justificar. Os netos dela, quase todos passaram por lá, Carolina, Daniela, Dudu; o Gule não, a Mariana também não; nove, dez netos passaram por lá, e ela também já tinha vindo pra ..., já estava velhinha, problemas de saúde; ela não queria mais. Ela sabia que estava de saída do CTA, meu pai saiu do CTA, e eles fecharam a Escolinha assim, e queimaram ...,*

*Vera: muita gente não se conformava ..., quando eu voltei pra cá.*

*Suzi: foi assim um choque porque não existia pré-matrícula, não existia reserva de vaga, não existia nada disso. Vai estudar aqui, não tinha contrato, quantas vezes por semana, preenchia uma ficha ..., Aí no começo do ano seguinte, não foi dado nenhuma explicação pra ninguém, nada. Fecharam porque eles precisavam de espaço, e etc. e tal. Aí tem a coisa política, e aí também fecharam o cinema, fecharam tudo, e aí a gente não estava mais lá, eu não estava todos os dias, eu só ia dar coordenadas, fazer reunião de pais, ou qualquer coisa desse tipo. Então, um final super triste, não é?*

*Vera: graças a Deus eu não presenciei isso.*

*Suzi: eu consegui resgatar ...,*

*Vera: eu saí pra ir para o Recife, elas ficaram mais um pouco, mas não foi muito tempo depois que eu saí, não é?*

*Suzi: não, que ano você foi pra Recife? Então, sabe o que eu descobri?*

*Vera: eu fui pra Recife em fevereiro de 97. A Escolinha fechou quando? eu fui em fevereiro de 97, até 2002. Ela deve ter fechado em 98, 99, não?*

Suzi: esse período histórico de repressão, e a Escolinha de arte, na Escolinha de arte, as crianças na Escolinha de arte, e as crianças no CTA, de uma maneira geral, a gente não viveu isso. A gente não sentiu absolutamente nada disso, nada disso. Nada, nada, nada, nada. Eventualmente eu via o meu pai e minha mãe fazendo algum comentário, mas nas nossas relações, na nossa forma de brincar, de frequentar a escola, de conviver com as outras pessoas, isso não afetou o dia a dia na Escolinha de arte. Os bastidores, e a briga pelo espaço, foi constante da minha mãe. Cada vez que vinha um brigadeiro, cada vez que vinha um reitor, ela ia lá vender o peixe, convencer ..., acho que a maioria e dos brigadeiros e dos reitores que passaram, a grande maioria, apoiaram a Escolinha; entendendo ou não, apoiaram. Um dos últimos brigadeiros, não sei exatamente em que ano, também não me lembro se o nome dele era Menezes, só me lembro que era um ...,

Vera: ... fui três vezes lá com a Ivonne ...,

Suzi: ... um baixinho ...,

Vera: ... amava de paixão a Escolinha. Foi o único brigadeiro, que largava o trabalho, estava esquentando a cabeça, ele largava tudo e ia naquele carrinho com as bandeirinhas, ele adorava ..., as crianças ficavam enlouquecidas, ...lá vem o brigadeiro ..., aí ele falava ...,

Suzi: então, aí ...,

Vera: eu queria saber uma coisa agora Suzi, que me surgiu. Quando eu entrei na Escolinha, lá naquele começo, em 73, 74, eram só filhos de pessoas do CTA.

Suzi: não ...,

Vera: depois é que foi liberado para os de fora,

Suzi: nunca existiu essa diferença, nunca, nunca, nunca.

Vera: mas então não tinha uma grande divulgação, porque eu me lembro, no Pequenópolis também não tinha ninguém de fora. Na Escolinha de arte nova, aí sim, era todo mundo de São José,

Suzi: a Escolinha de arte recebia de todo mundo, o Pequenópolis e o Grupo Escolar do CTA era para funcionários do CTA, civil e militar e adjacências. Tanto é que tem muita gente na minha turma de primeiro e segundo ano, que eram do Jardim da Granja.

Outro dia eu mostrei uma foto para um amigo meu da turma de sessenta e pouco e falei, olha que legal, na foto tinha, na minha sala tinha, na minha sala do Grupo Escolar, e as crianças do Grupo Escolar que frequentavam primeiro, segundo ano primário, elas achavam linda aquela sala lá que faziam sujeira, que tinha tinta colorida, que tinha tudo, a sala era um espetáculo.

Vera: o Pequenópolis que você está falando?

Suzi: não, do Grupo Escolar. O Grupo Escolar não tinha aquele toldo, era aquele cinza. Era a única sala que tinha a pia e tinha saída para os dois lados. Uma saída dava pra um bosque dos eucaliptos. Não era cercado, nada era cercado. Depois foi mudando aquela escola. Aí minha mãe, teve uma época que ela resolveu que ia dar bolsa pras crianças. Aí ela fez uma coisa pra dar bolsa, não lembro exatamente o critério que ela inventou na época. Aí um dia ela foi e teve um menino que estava muito bravo com ela. Porque ele foi escolhido lá pra desenhar, pra pintar, não sei o que, e ele chorava. E ela falava pra ele: mas porque você está chorando? Porque você falou que você ia me dar uma bolsa e eu não ganhei uma

*bolsa, e ele queria uma bolsa de verdade. Então nessa foto de sessenta e pouco, tem muita gente descalça ...,*

*Vera: os meninos do Grupo, eu dei aula pros maiores à tarde; depois eu fiz um teatro com eles; eles montaram tudo.*

*Suzi: e ganhavam bolsa,*

*Vera: ganharam esses, ganhavam bolsas, até eram os grandes,*

*Profa. M. Angélica: (??)*

*Suzi: como que era a caixa? era caixa escolar, a gente dava um dinheiro pra comprar lápis e caderno brochura, pras crianças. Tinha essa coisa de toda a comunidade do CTA ajudar os funcionários ..., aí o menino chorando e ela indignada..., esse aqui (álbum de fotos), comecei a guarda-lo na caixa da minha filha ..., porque o legal também é que as pessoas podem se identificar ..., essa aqui é a Patrícia, filha da Fátima Daniel ..., esse aqui é Maxwell, se lembra dele? É filho de uma dentista lá do CTA.*

*Então tem alguns que eu reconheço até hoje,*

*Esse, depois de conversar com a Vera ontem, hoje de manhã me deu um estalo, o álbum ..., isso é tudo que a gente tem de foto ...,*

A partir desse momento a atenção da depoente e do grupo se desviam para os álbuns de fotos. As falas se tornam então truncadas e foram transcritas para sugerir possível lembranças nas anotações futuras.

As fotos digitalizadas e impressas serão entregues a Suzi e Vera para reconhecimento e comentários escritos que serão adicionados às mesmas.

*Minha mãe também fazia questão de comprar livro, que não era livro de arte; além de assinar todas as revistas,*

*Todas as normalistas (?) que passaram por lá, revistas de cinema, teatro, fotografia,*

*Essas são as fotos iniciais, então foto do barracão, ninguém tem, do primeiro barracão,*

*Pode ser que o CTA até tenha,*

*Nessa época, você (Vera) trabalhou, e aí as crianças não tinham uniforme, descalças, sujas, e as demais crianças todas uniformizadas, sapato ...,*

*Vera: elas tinham ódio da Escolinha e das professoras de arte, porque aquela cabeça ..., nós vinte anos a frente e elas vinte anos atrás, aí elas não aceitavam minhas crianças tomarem banho de mangueira, ficar sujas de tinta, descalças, então os alunos da Escola queriam ir ao banheiro, e saiam do banheiro e iam entrar na Escolinha: posso entrar Vera, na sua sala? E eu dizia pode, e eu deixava e elas tinham horror. Criança suja, descalça, com tinta, banho de mangueira, tudo que criança ama e eles sonhavam com a nossa sala de arte lá do Pequenópolis. E elas deram um jeito de tirar-nos de lá; que era um mau exemplo para as crianças dela.*



Suzi: *isso aqui é dentro do Grupo Escolar. Esta amarela aqui é no último prédio que é mais bonitinha que a ..., é tão legal como a primeira, um espaço só prá ela. Aí eu fui olhando e descobri que eu tinha feito a maior paçoca, porque aí tem 84, 82 ..., Aqui tem duas festas; teve a de vinte anos da Escolinha ...,*

Vera: *foi, foi maravilhosa, que veio a Helena ...,*

Suzi: *a Otília Antipoff,*

Vera: *veio de Minas ...,*

Suzi: *... e teve a festa em que você não estava, que eu tinha feito, que foi a festa da primavera. Depois que eu ví que tinha feito uma paçoca muito grande. Tinha uma cozinha aqui ..., No começo não tinha cerca, a gente usava todo o espaço e depois resolveram fechar..., Esses cavaletes duraram a vida inteira, esses cavaletes foram todos queimados ..., Uma mesa grande eu doeí, porque também era a única coisa de apresentação ..., eu peguei, a mesa grande e duas mesas pequenininhas de fórmica, que eu acho que minha mãe comprou do Souza Lima e que foi parar lá na Escolinha ..., Aí tem foto de 84 ..., eu fico emocionada porque eu achava lindo isso. E tudo que a gente pedia a banda ia lá tocar ...,*

Vera: *era, e eles nunca se negaram ...,*

Suzi: *essa foto aqui, por exemplo, é histórica ..., a Otília Antipoff, você já (?) a história dela, e do marido dela? Fiquei sabendo depois, porque ele foi embora do CTA, foi uma coisa muito marcante, ele perdeu um filho no CTA, um dia antes da inauguração da piscina do CTA, e isso acabou com a vida dele. Eles foram embora do CTA e eu achei que tinha sido por isso, em 64 o ITA perdeu 50 professores ..., e ele fez parte dos professores que ...,*

*Essa foto aqui, quando a Escolinha fez vinte anos, a gente fez uma exposição no auditório do ITA,*

*Acho que a gente fez várias festas em 84 ..., tudo que era coisa a gente fazia festa.*

*A gente tem foto e lembrança até 86 ...,*

*Eu achava que tudo era do aniversário da Escolinha, mas ontem eu falei pra você que eram duas festas ..., que tinha na fase azul e a fase amarela das cadeiras ...,que chegava no final do ano a gente pintava.*

*A Ana voltou da Itália em 86 ..., eu falei pra você que a Ana deu aula na Escolinha junto com a Dina (?)*

Vera: *essa aqui foi na festa de vinte anos, não foi?*

Vera: *mas, o Tomás foi meu aluno,*

Suzi: *o Tomás ia, os filhos da Adriana que moravam no seu prédio iam ...,*

*Tive duas mães, a minha mãe, mãe ..., e a minha mãe foi minha companheira profissional a vida inteira ...,*

*A ideia da minha mãe era sempre compartilhar. Compartilhar conhecimento, dividir. Ela acreditava muito nas pessoas também, ela escrevia muito bem, ela tinha uma facilidade muito grande pra falar, pra expor as ideias dela. Ela fez muito treinamento aqui em São José, ela dividiu muito do que ela sabia.*

*Eu sempre trabalhei em dois lugares. E às vezes em três. Tanto é que chegou uma época que fui até questionada na Escolinha, como eu dava aula na Prefeitura, e como eu conseguia trabalhar na Escolinha, da forma que eu trabalhava, como eu conseguia trabalhar lá. É lógico que eu tentava carregar um*

*monte de coisa da Escolinha pra lá, porque a Prefeitura estava no mimeógrafo. Quando a minha mãe foi pra Prefeitura eu tentei e escrevi as técnicas, porque ninguém trabalhava, as crianças não punham a mão nas coisas. O máximo que tinha era lápis de cera. Pouquíssimo guache. Tinha essa coisa. E quando ela entrou na Prefeitura, você imagina como ela arrepiou os cabelos lá. Ela arrepiou. Então ela, acho que (?), pedagogicamente, educacionalmente, ela foi uma super guerreira. Ela sabia o que ela queria, ela sabia o que ela estava fazendo, e ela lutou a vida inteirinha atrás disso que ela acreditava.*

---